

INSTITUTO CORES DO MARÁ: PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS -MA

Brenda Martinha Caldas Azevedo ¹

RESUMO

O presente trabalho visa analisar a implementação do projeto de intervenção pedagógica realizado em uma escola municipal de São Luís – MA, pelo Instituto Cores do Mará, uma organização sem fins lucrativos que atua por meio da educação. O projeto teve como objetivo alfabetizar crianças de 8 a 9 anos, do 3º ano do Ensino Fundamental, que apresentavam dificuldades em leitura e escrita. A proposta foi orientada pela perspectiva da *Alfabetização Humanizadora*, que valoriza o contexto cultural e social do/a aluno/a como parte essencial do processo de aprendizagem. A metodologia adotada envolveu rodas literárias, garantindo acesso livre a livros, incentivando a exploração e a leitura. Além disso, o desenvolvimento da escrita foi promovido por meio de atividades lúdicas realizadas em grupos, duplas ou individualmente. Essa abordagem promoveu a interação e o engajamento das crianças no processo de aprendizagem, permitindo que elas se apropriassem da língua de forma significativa e conectada à sua realidade. O referencial teórico que sustentou a implementação da proposta foi baseado em autores como Arena (2008), Bajard (2021), Freire (2019), Vigotski (1985), Geraldi (2015), Jolibert (1994) e Smolka (2013) com ênfase na importância do diálogo, da interação e do contexto cultural e social para o desenvolvimento das habilidades linguísticas. Segundo esses/as autores/as, a alfabetização não pode ser vista de forma isolada, devendo se conectar com as experiências e vivências dos/as estudantes. Como resultado, observou-se uma melhoria significativa na proficiência em leitura e escrita das crianças, além de um fortalecimento das competências emocionais e sociais. A avaliação contínua, por meio de registros das produções textuais e das interações durante as rodas literárias, permitiu acompanhar os avanços de forma individualizada. A afetividade e as relações interpessoais também foram fundamentais para o sucesso da intervenção, criando um ambiente de aprendizagem inclusivo e estimulante, onde as crianças se tornaram protagonistas de seu próprio aprendizado.

Palavras-chave: Alfabetização Humanizadora, Leitura, Escrita, Cultural.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta um relato de experiência sobre o Projeto de Alfabetização desenvolvido pelo Instituto Cores do Mará em uma escola municipal de São Luís do Maranhão, no período de outubro a dezembro de 2024. A iniciativa integrou as ações do Instituto, que atua no contraturno escolar com foco na promoção da aprendizagem, do desenvolvimento socioemocional e da inclusão educacional de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

¹ Graduada no Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão; email: brenda.azzevedo8@gmail.com

O Instituto Cores do Pará é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 2018. A instituição surgiu do sonho de promover a transformação social por meio da educação nas comunidades periféricas do Maranhão, oportunizando o acesso de crianças e adolescentes a uma educação de qualidade, criativa e com propósito, capaz de ampliar horizontes e transformar realidades, especialmente nos bairros do Anil e regiões vizinhas, como Alto do Pinho e Pão de Açúcar. Esses territórios são historicamente marcados pela escassez de recursos, altos índices de violência e poucas oportunidades. Sua idealizadora, Duci França, nascida e criada no Anil, traz em sua trajetória a vivência concreta dessas realidades e o compromisso com a construção de novos caminhos para a infância e adolescência local.

Na sede do Instituto, localizada no bairro do Anil, atuam colaboradores e voluntários que compõem uma equipe multidisciplinar responsável pela execução das ações. As práticas pedagógicas e formativas são fundamentadas nas teorias de Lev Vygotsky e Paulo Freire, priorizando o diálogo, a construção coletiva do conhecimento e o respeito às experiências e saberes prévios dos educandos. As ações se concretizam por meio de atividades lúdicas, oficinas interativas e projetos coletivos, que estimulam o engajamento, a criatividade, a expressão e a autonomia das crianças e adolescentes. Entre as principais iniciativas do Instituto estão o Projeto Socioemocional e o Projeto de Alfabetização, foco deste relato.

O Projeto piloto de Alfabetização “Cores nas Escolas” foi desenvolvido no contraturno escolar e atendeu crianças dos anos iniciais, com idades entre 8 e 10 anos, que apresentavam dificuldades nos processos de leitura e escrita. O projeto centra-se em uma abordagem humanizadora, guiada por pressupostos teóricos e metodológicos que valorizam a cultura da criança no processo de aprender a linguagem escrita e, consequentemente, os atos culturais de ler e escrever. Nessa perspectiva, o diálogo é considerado o ponto de partida para o aprendizado, e o texto é tratado como a unidade básica de ensino. Assim, ler não é decifrar palavras, mas compreender, enquanto escrever é um ato de produção textual.

Nesse aspecto, a Alfabetização Humanizadora se apresenta, portanto, como uma proposta emancipatória, interessada não apenas na aquisição de habilidades de leitura e escrita, mas também na formação de sujeitos críticos, sensíveis e conscientes. Ela reconhece a singularidade de cada estudante, valorizando seus contextos culturais, sociais e afetivos, e propõe uma prática pedagógica que dialogue com suas experiências e saberes, tornando a aprendizagem mais significativa e transformadora.

De acordo com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) 2023, São Luís obteve índice de 5,5 nos anos iniciais e 4,5 nos anos finais do Ensino Fundamental, resultados que evidenciam a necessidade de fortalecer os processos de aprendizagem. Nesse contexto, o Projeto de Alfabetização do Instituto Cores do Mará propôs ações integradas entre cultura e educação, promovendo experiências literárias que desenvolvem habilidades cognitivas e socioemocionais, tanto individuais quanto coletivas.

Os resultados obtidos ao longo dos três meses de execução demonstraram avanços significativos nas habilidades de leitura e escrita das crianças. Observou-se o progresso de todos os/as alunos/as participantes, com parte atingindo o nível de alfabetização plena e os demais consolidando etapas do processo. Além dos ganhos quantitativos, os aspectos qualitativos foram igualmente expressivos: maior autonomia, maior aprimoramento na leitura e na escrita e fortalecimento da autoestima e autoconfiança. As rodas literárias se consolidaram como espaços de diálogo e expressão, reforçando o papel da afetividade e da escuta ativa no processo educativo. A experiência evidenciou que a alfabetização humanizadora não apenas desenvolve competências linguísticas, mas também contribui para a formação integral dos sujeitos, fortalecendo vínculos sociais e emocionais.

Dessa forma, o projeto teve como objetivo alfabetizar crianças com dificuldades em leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir da perspectiva da Alfabetização Humanizadora, buscando promover não apenas o domínio da linguagem escrita, mas também o encantamento, a autonomia e o protagonismo dos/as educandos em seu processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

A metodologia adotada teve como foco a alfabetização de forma humanizadora e significativa, priorizando a interação, a exploração de textos e a construção de repertório das crianças. As atividades foram organizadas de modo a integrar momentos de acolhimento, leitura, reflexão sobre a língua e produção textual, garantindo um ambiente rico em aprendizado e que respeitasse os interesses e a cultura do grupo.

Em todos os encontros, as crianças foram recebidas com momentos de relaxamento e acolhida, a partir de dinâmicas afetivas e rodas literárias. A literatura serviu como porta de

entrada, contribuindo para a humanização das crianças e para a construção de um repertório que facilitou o aprendizado da leitura e da escrita. Além disso, em cada encontro era garantido o livre acesso aos livros, com 15 minutos para que as crianças pudessem folhear, explorar e ler as obras disponíveis. Essa prática se justificou por tratar-se da escrita ser gráfica e visual, sendo importante que as crianças tivessem os livros à vista para compreender seu funcionamento e organização.

As crianças também tiveram acesso a diferentes gêneros textuais, selecionados por meio de diálogo constante com elas, a partir de uma escuta sensível para compreender suas preferências e interesses, ao mesmo tempo foram escolhidos os gêneros mais adequados ao contexto do grupo, considerando sua cultura. A partir da leitura desses textos, as crianças foram estimuladas a se envolver em interlocuções, evitando concentrar-se apenas nos aspectos micro da língua, como letras e sílabas. Elas também foram expostas a produções textuais baseadas em situações vivenciadas em seu cotidiano, com a mediação das educadoras.

A reflexão sobre a língua constituiu uma parte fundamental do processo. As crianças tiveram a oportunidade de explorar o texto, identificando palavras, frases e letras. A leitura silenciosa foi incentivada, permitindo que aquelas que ainda não dominavam a leitura buscassem pistas e enigmas na escrita, desenvolvendo a habilidade de encontrar sentido no que liam e escreviam.

Em relação às reflexões sobre a língua, foram utilizados textos coletivos para discutir palavras, a estrutura textual e suas características. Também foram organizadas situações de discussão em duplas, trios ou grupos, possibilitando que as crianças debatessem suas ideias e aprendessem umas com as outras, sempre sob a orientação das educadoras. Esses procedimentos criaram um ambiente rico em aprendizado e interação, onde a alfabetização se deu de forma humanizadora e significativa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A alfabetização é um processo complexo que vai além do aprendizado mecânico da leitura e da escrita, envolvendo interação, reflexão e exploração ativa da linguagem. Nesse sentido, a literatura, a produção textual e o uso consciente de recursos gráficos desempenham papel fundamental na humanização e no desenvolvimento cognitivo e social das crianças.

Nessa perspectiva, Bajard (2021) afirma que a descoberta do texto realizada pelas próprias crianças estimula a construção ativa do sentido da leitura e da escrita. Ele propõe que o aprendizado ocorra por meio da exploração, do questionamento e da reflexão, e não apenas pela repetição mecânica. A literatura, nesse contexto, serve como porta de entrada, contribuindo tanto para a humanização das crianças quanto para a criação de um repertório que facilita o aprendizado da leitura e da escrita.

Sendo assim, ainda segundo o autor (2021, p.53): "A aprendizagem da leitura e da escrita deve ser um processo de descoberta, no qual o sujeito se confronta com os textos, explora suas possibilidades, compreende suas funções sociais e constrói sentido de forma ativa, em um movimento que envolve pensar, falar e escrever." Constituindo-se de fundamental importância o acesso as produções textuais, principalmente baseadas em situações do cotidiano, fortalecendo o aprendizado em contexto real. Além disso, é necessário também a interação entre as crianças para que possam discutir suas hipóteses e indagações, pois segundo Bajard (2021, p.44) "A leitura e a escrita são práticas sociais que ganham força no diálogo entre os sujeitos."

Outro recurso importante na perspectiva da alfabetização humanizadora, é a utilização dos caracteres, utilizados nas atividades após a exploração de um texto. Esses caracteres, letras, sinais de pontuação, espaços e acentos, ajudam as crianças a perceberem regularidades gráficas da escrita e a compreenderem como os elementos se organizam nos textos. Eles não se limitam à correspondência entre som e letra apenas, incentivam também a reflexão, autoria e vínculo entre leitura, escrita e temas abordados em aula. Conforme Bajard (2021, p.67): "Os mapas dos caracteres permitem que a criança construa representações gráficas e visuais que favoreçam a memorização e a compreensão do funcionamento da língua escrita, em um movimento que valoriza a exploração e a reflexão."

Nesse contexto, o ato de ler foi entendido como construção de sentido e não apenas como decodificação de sinais, assim Arena (2008, p.5) destaca: "[...] ler é a ação de atribuir sentido por meio de sinais gráficos, em situações elaboradas pela cultura humana [...]. São muitos os objetivos da leitura, como: responder à necessidade de viver com os outros, comunicar-se com o exterior, descobrir informações necessárias, fazer projetos ou brincadeiras [...]" (Jolibert, 1994, p.31).

Tendo em vista esses aspectos, a alfabetização precisa ser concebida como um processo ativo de construção de significados, permitindo que cada criança desenvolva compreensões únicas. Vigotski (1995) alerta que, ao focar apenas no traçado das letras, corre-se o risco de negligenciar a linguagem escrita em sua função social. Além disso, Mendonça (2006) reforça que, ao priorizar o aspecto técnico da escrita, sua finalidade de registro, expressão e comunicação, podem ser esquecidas. Por fim, Arena (2008) complementa que a escrita deve ser entendida como artefato histórico e cultural, que conecta os indivíduos, independentemente de suas habilidades físicas, valorizando o sentido sobre a técnica.

Nesse cenário, Paulo Freire contribui para esse entendimento ao propor uma educação libertadora, centrada na consciência crítica e na transformação social. Para ele, educar é um ato político que parte do diálogo entre educador(a) e educando(a), valorizando suas vivências e saberes. Freire (2019, p.109) enfatiza que o diálogo "não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes", e complementa que "[...] a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (Freire, 1980a, p.69).

Dessa forma, a alfabetização humanizadora não se limita a técnicas de decodificação, mas se configura como prática social, cultural e emancipatória. Ao explorar textos, caracteres e atividades significativas, se concretiza o desenvolvimento de sujeitos autônomos, críticos e capazes de atribuir sentido às práticas sociais da linguagem, consolidando a leitura e a escrita como ferramentas de expressão, interação e participação no mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de avaliação iniciou-se com a observação contínua das educadoras durante as atividades realizadas. Essa observação permitiu perceber o nível de interação, participação e os primeiros indícios de leitura e escrita das crianças. Em seguida, as educadoras registraram suas observações por meio de registros reflexivos, apontando aspectos positivos e negativos, desvios em relação ao plano de aula, desempenho individual e estratégias utilizadas por cada criança ao longo do processo de alfabetização.

Para compreender o estágio de alfabetização de cada criança, utilizamos os critérios propostos por Ferreira e Correia (2025). Segundo as autoras, a criança alfabetizada precisa

atender três critérios: 1) compreender o que lê; 2) conseguir proferir um texto; 3) escrever de forma convencional, mesmo apresentando problemas ortográficos. As crianças em processo de alfabetização atendem seis critérios: 1) utilizam caracteres para escrever; 2) se desafiam a escrever, mesmo apresentando dificuldades de organizar ideias; 3) identificam palavras ou expressões no texto; 4) lêem silenciosamente e conseguem levantar pistas sobre o que está escrito; 5) apresentam dificuldades em segmentar corretamente as palavras, obedecendo aos espaços entre elas; 6) reconhecem o gênero textual a partir da identificação de indícios de sua estrutura.

Crianças que não atendiam a nenhum desses critérios foram classificadas como não alfabetizadas. A partir desses parâmetros, elaboramos um formulário de avaliação de alfabetização, que orientou o acompanhamento e o planejamento das atividades de acordo com o estágio real de aprendizagem de cada criança. Os resultados demonstraram avanços significativos nas habilidades de leitura e escrita ao longo de três meses de intervenção. No início do projeto: 4 alunos/as estavam não alfabetizados; 11 alunos/as estavam em processo inicial de alfabetização. Após o período de acompanhamento, os dados revelaram:

Desses/as 11 alunos/as que estavam em processo de alfabetização, 5 atingiram o nível de alfabetização plena, e os 4 não alfabetizados mais os outros 6 encontravam-se em processo de consolidação. Além dos resultados quantitativos, os avanços qualitativos também foram notórios: as crianças demonstraram maior autonomia, aprimoramento da leitura e da escrita e fortalecimento da autoestima. As rodas literárias se consolidaram como espaços de diálogo e expressão, nos quais os/as alunos/as compartilharam ideias, sentimentos e histórias pessoais, evidenciando o papel transformador da afetividade e da escuta ativa no processo educativo.

Como destacam Smolka (2013) e Geraldi (2015), o aprendizado da língua ocorre quando o/a aluno/a reconhece sua voz no discurso e percebe a leitura e a escrita como formas de interação social. A prática do Instituto Cores do Mará mostrou que a alfabetização humanizadora não apenas desenvolve habilidades linguísticas, mas também promove a formação integral do sujeito, fortalecendo laços sociais e emocionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida pelo Instituto Cores do Mará demonstrou que a Alfabetização Humanizadora é uma abordagem eficaz e necessária para enfrentar as defasagens

no processo de ensino-aprendizagem. Ao integrar práticas de leitura, escrita, ludicidade e afeto, o projeto evidenciou que é possível alfabetizar de forma significativa, respeitando o tempo e o contexto de cada criança.

A abordagem humanizadora reforça que a alfabetização deve ir além do domínio técnico da língua, promovendo a reflexão, o diálogo e a formação crítica. Os resultados obtidos indicam que, quando a aprendizagem é conduzida de maneira acolhedora e contextualizada, as crianças desenvolvem habilidades linguísticas, autoconfiança e autonomia, consolidando a leitura e a escrita como ferramentas de expressão e interação social.

REFERÊNCIAS

ARENA, Dagoberto Buim. Dilemas didáticos no ensino do ato de ler. Anais do I Congresso Latino Americano de Comprensión Lectora, 2008.

BAJARD, Émile. Ler e escrever: da prática à teoria. Campinas: Mercado de Letras, 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 26 out. 2025.

BRASIL. *Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, 2007. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb>.

Acesso em: 26 out. 2025.

FERREIRA, Edith Maria Batista; CORREIA, Joelma Reis. *Caderno pedagógico para o processo de avaliação da alfabetização das crianças no município de Urbano Santos - MA 2025*. Urbano Santos, MA: s.n., 2025.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980a. —, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 70.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. 5. ed. São Paulo: Ática, 2015.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MENDONÇA, Suely Guadalupe de Lima; MILLER, Stella (Orgs.). Vigotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2006.



SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez, 2013.

VYGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.